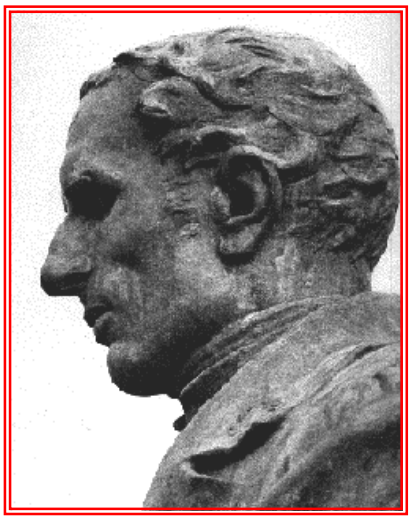
LOUIS BRAILLE

Educador Cego

No ano de 1819 um oficial do exército francês, Charles Barbier, procurou o recém-criado Institute Nationale des Jeunes Aveugles, em Paris, com uma novidade: um processo de escrita codificada e expressa por pontos salientes numa folha de papel. Em sua idéia, era possível reproduzir 36 sons básicos da língua francesa, uma vez que o sistema estivera sendo utilizado com sucesso por anos seguidos pelo exército francês na transmissão de mensagens durante a noite, nos campos de batalha, sem chamar a atenção dos inimigos entrincheirados nas proximidades.



Alguns anos mais tarde, um jovem educador cego, Louis Braille, baseado na idéia apresentada por Barbier e na experiência acumulada com a utilização continuada daqueles pontinhos em relevo, desenvolveu um sistema seu, já pelo ano de 1825, também de pontinhos em relevo, que podiam não apenas ser lidos, mas também produzidos com facilidade pelos cegos com instrumentos bastante simples. Na combinação de apenas 6 pontinhos em relevo, Lous Braille garantia 96 símbolos para letras comuns e acentuadas, números, pontuação e outros mais.

A adoção do sistema em toda a França ocorreu apenas no ano de 1854, dois anos após a morte de Louis Braille. E um ano após essa auspiciosa tomada de posição, o Governo Imperial Brasileiro fez aquela que seria a primeira encomenda internacional. As primeiras regletes, punções, chapas para escrita e os primeiros livros de pontos combinados em relevo, chamados de “Escripta pelo Méthodo Braille” chegaram ao Brasil em 1856, tendo sido uma doação pessoal do Imperador Dom Pedro II ao novo Instituto Imperial dos Meninos Cegos do Rio de Janeiro (hoje, Instituto Benjamin Constant).